

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano
/ Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos.
- Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-788-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.885212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos sobre artes e outros temas.

Estudos literários traz análises sobre romances gráficos, representação do islã, autobiografia, leitura e (re)escrita na rede, imaginário, morte, marginalidade, letramento literário, literatura infantojuvenil, pessoa com deficiência e surdez.

São verificadas, em estudos sobre artes, contribuições que versam para conteúdos como fazer poético, ensino, música, corpo, dança, feminino, samba e metalinguagem.

No terceiro momento, outros temas, dispomos de leituras sobre racismo, violência, tradução, cuidado humanizado e saúde.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DISCUTINDO LITERARIEDADE EM ROMANCES GRÁFICOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE THE HOBBIT (1990) DE DAVID WENZEL E CHARLES DIXON


Yan Victor Pinto Lopes Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120121>

CAPÍTULO 2..... 20

A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ E DO ORIENTE MÉDIO NA LITERATURA NORTE-AMERICANA

Loiva Salete Vogt


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120122>

CAPÍTULO 3..... 32

AUTOBIOGRAFIA E ARTE EM *CAT'S EYE*, DE MARGARET ATWOOD

Natália Pacheco Silveira


Leonardo Pogliã Vidal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120123>

CAPÍTULO 4..... 45

LEITURA E (RE)ESCRITA NA REDE!: ANÁLISE LITERÁRIA E LINGUÍSTICA NA OBRA DIAS PERFEITOS, DE RAPHAEL MONTES


Tanise Corrêa dos Santos do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120124>

CAPÍTULO 5..... 56

LILITH GANHA ASAS NO IMAGINÁRIO DO CONTO SEM ASAS, PORÉM, DE MARINA COLASANTI


Maria Catarina Ananias de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120125>

CAPÍTULO 6..... 78

AS NARRAÇÕES DA MORTE E DO MORRER NO CONTO “MORTE SEGUNDA”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Priscila Bosso Topdjian

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120126>

CAPÍTULO 7..... 86

EXPERIÊNCIA E MARGINALIDADE NO ROMANCE “ELES ERAM MUITOS CAVALOS”, DE LUIZ RUFFATO

Gislei Martins de Souza Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120127>


CAPÍTULO 8..... 97

LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO: CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA

A FORMAÇÃO DO LEITOR

Sabrina Camargo Pinoti da Silva

André Luiz Alselmi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120128>

CAPÍTULO 9..... 108


TERMINOLOGIAS ATRIBUÍDAS À PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL – MUNDO IMAGINÁRIO OU ESTIGMAS?

Bárbara Rangel Paulista

Flávio Da Silva Chaves

Shirlena Campos De Souza Amaral

Crisóstomo Lima Do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120129>


CAPÍTULO 10..... 121

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS EM “CLÁSSICOS” DA LITERATURA SURDA INFANTIL

Anesio Marreiros Queiroz

Skarlette Jardannya Batista Cavalcante


Clevisvaldo Pinheiro Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201210>

CAPÍTULO 11 139

E.E. CUMMINGS E JOSÉ LEONILSON: O FAZER POÉTICO ENTRE O PAPEL E A TELA

Laura Moreira Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201211>

CAPÍTULO 12..... 151

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS: REMINISCÊNCIAS DE ADOLESCENTES RECLUSAS

José Carlos da Rocha


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201212>

CAPÍTULO 13..... 165

SAINDO DA BOLHA” E “TÉCNICA E ESPIRITUALIDADE”: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS DE MÚSICA COM EXPERIÊNCIAS PENTECOSTAIS

Ana Lúcia de Marques e Louro-Hettwer

Andressa Zambrano Freitas







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201213>

CAPÍTULO 14..... 173

O CORPO E A DANÇA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO: UMA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Danielle Márcia Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201214>

CAPÍTULO 15.....	182
PRESENÇA FEMININA NO SAMBA DE RAIZ: TIA CIATA, UMA TESTEMUNHA DOS TERREIROS, DA CULTURA E DA LINGUAGEM	
Claudia Toldo Débora Facin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201215	
CAPÍTULO 16.....	196
AGOSTINO DI DUCCIO, ABY WARBURG E O ORATÓRIO DE SÃO BERNARDINO: ANJOS EM SERENA VERTIGEM	
Sandra Makowiecky	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201216	
CAPÍTULO 17.....	213
O GESTUAL X NA RECODIFICAÇÃO TÉCNICA E METALINGUÍSTICA NAS OBRAS DE MARIA BONOMI	
Marcela Matos Nhedo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201217	
CAPÍTULO 18.....	225
RACISMO E VIOLÊNCIA: A SEMIÓTICA DA DOR	
Érico Medeiros Jacobina Aires	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201218	
CAPÍTULO 19.....	237
INVISIBILIDAD DEL TRADUCTOR Y SU LABOR ...UN PROBLEMA DE TODA PROFESIÓN	
Claudia Andrea Durán Montenegro Adriana Araceli Padilla Zamudio Diana Guadalupe de la Luz Castillo Beatriz Pereyra Cadena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201219	
CAPÍTULO 20.....	245
A CARÍCIA ESSENCIAL E O CUIDADO HUMANIZADO EM SAÚDE: UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA ENTRE O VERBAL E O ICÔNICO CONCATENADA AS BASES DO PENSAMENTO COMPLEXO	
Cristiane Barelli Maria Lúcia Dal Magro Graciela René Ormezzano	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201220	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	257
ÍNDICE REMISSIVO.....	258

Data de aceite: 01/11/2021

Erico Medeiros Jacobina Aires

<http://lattes.cnpq.br/2376579249404565>

<https://orcid.org/0000-0002-0971-4902>

RESUMO: A violência é só mais um elemento de coesão para o grande discurso de opressão e desumanização do negro que é repetido há 300 anos no Brasil, um elemento desse discurso hipermodal usado pelas forças de opressão. A semiótica e a análise do discurso nos apresentam ferramentas interessantes para acharmos os verdadeiros autores desse texto, onde a ação da escrita/fala seria do personagem animador, a reunião das palavras/enunciado estaria nas mãos do autor, que estaria simplesmente, como um procurador legal, representando os anseios do agente da hegemonia. Sob essa lógica poderíamos supor que os policiais que atuaram no caso ocorrido em Paraisópolis - 2019 deram forma ao texto escrito pelas mãos do governador sob ordens dos donos do poder (hegemônico), a classe dominante, racista, exploradora e antes (ou ainda) escravocrata.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo, semiótica, análise do discurso.

RACISM AND VIOLENCE: THE SEMIOTICS OF PAIN

ABSTRACT: Violence is just one more element of cohesion for the great discourse of oppression and dehumanization of blacks that has been

repeated for 300 years in Brazil, an element of this hypermodal discourse used by the forces of oppression. Semiotics and discourse analysis present us with interesting tools to find the real authors of this text, where the writing/speech action would be of the animating character, the words/utterance meeting would be in the author's hands, who would be simply, as a proxy legal, representing the yearnings of the agent of hegemony. Under this logic, we could assume that the police officers who acted in the case that occurred in Paraisópolis - 2019 shaped the text written by the governor under orders from the (hegemonic) power owners, the ruling class, racist, exploiting and before (or even) slavocratic. **KEYWORDS:** Racism, violence, semiotic.

Faz frio. Meu primeiro inverno em Portugal nem bem começou e já sinto a natureza se impor sobre o meu corpo. A ponta dos dedos quase sem qualquer sensibilidade por conta da temperatura, tateiam na cabeça tentando trazer conforto à alma, o cafuné. O ato presente em diferentes culturas e até entre animais assume aqui ou acolá outros nomes, como grooming do inglês, o “catar piolhos” dos macacos, mas que para nós povos lusófonos tem sua etimologia nas línguas bantas vindas de África, o cafuné, uma ação tão cheia de significados, de ligações, conexões, intimidade, que acolhe, que acalenta, que entende, existe um mundo inteiro dentro de um simples toque, o cafuné!

Do âmbito do maior órgão sensorial do organismo humano, a pele, o sentido do toque,

que na ciência é chamado de sistema háptico não ocupa o lugar na ciência na mesma proporção ou importância que a visão, ou até a audição. Ao toque é renegado a simples tarefa de ser um ajudante complementar (de luxo), para as apreensões sensoriais dos outros sentidos, subjugado principalmente pelos amantes da visão.

Talvez esteja em África, ou nos povos do oriente a redenção do tato, já que no ocidente, desde os tempos de Aristóteles ele esteja ligado ao campo do “escuro”, das “trevas”, do bestial, do prazer carnal, enquanto a visão seria o caminho da luz. Mas para não perdermos de vista (perdão pelo trocadilho) a Grécia, como teria sido a percepção daquele homem preso na caverna de Platão se fosse ele cego e só pudesse tatear pelo lugar? A metáfora seria completamente diferente, o processo de consciência e criação de um mundo imaginado estaria fundamentado na apreensão feita pelos sentidos da pele, suas características e limitações.

A mão seria assim, o olho que toca, ou na percepção de Freud, os olhos que tateiam. O processo de apreensão sensível háptico é baseado na indução, no concreto-físico. Na real escuridão de quem não vê a luz, projeções de sombras e imagens se perdem para dar espaço para formas, temperaturas, texturas. A cognição será feita a partir daí e será sob essa lógica (ótica?) que o mundo sensível e o das ideias se articularão para criar o conhecimento.

Mas nem sempre, nem em todos lugares o tato foi tratado como um servo da visão. Figuras com o olho dentro da mão (Hansá), uma alusão ao ver pelo tocar estão presentes em diversas culturas mundo à fora, de sociedades pré-colombianas, ao Islamismo, onde a Mão de Fátima é ligada aos cinco pilares do Islã e, entre os judeus onde a Mão de Miriam representa a própria imagem do Torá, o livro sagrado! O tato é assim apresentado como campo de saber senão independente, de valor completar aos outros sentidos.

Fernando Pessoa, maior poeta lusófono já dá pistas em o “Guardador de Rebanhos” da importância dos diferentes sentidos na percepção do mundo. Não é possível de se afirmar por certo, mas existe muito das ideias de Pessoa na semiótica social proposta pelo alemão Gunther Kress que negava a possibilidade da análise textual somente baseada na percepção da escrita, o entendimento segundo o autor recentemente falecido, devia partir de uma interpretação multimodal, rica em dimensões e campos diferentes.

Trazer o tato para o foco do saber, não é só uma busca vazia por um campo novo de estudos da semiose, ela é justa, na medida em que esse processo da construção primária dos sentidos pelo toque tem sido considerado pela neurociência uma fronteira rica de possibilidades.

O BAILE DA 17

A madrugada começou quente na noite de primeiro de dezembro em Paraisópolis, zona sul de São Paulo, Brasil. Na maior cidade da América do Sul, uma favela cravada no

meio de um bairro de milionários está há poucos metros da sede do governo, o Palácio dos Bandeirantes (O nome, uma homenagem aos colonizadores que adentraram no interior do país conquistando terreno, explorando riquezas e dizimando indígenas através do tráfico humano já poderia nos dar uma dica para quem o estado trabalha e quem são os reais donos do poder.).

Nas ruas centrais do conglomerado urbano mais de cinco mil jovens participam de uma festa sem dono, o Baile da 17. Um apanhado de diferentes equipamentos de som, levados por pessoas autônomas, sem qualquer combinação prévia, dão o ritmo frenético do êxtase coletivo que é a festa. Sem organização, sem bilheteria, ou bares oficiais, sem ordem ou controle e sobretudo, sem qualquer presença do poder público, tudo é permitido. É preciso dizer que são raríssimas as opções de esporte, laser ou cultura para o jovem morador da cidade de São Paulo e, para o morador de Paraisópolis, que não possui sequer saneamento básico para metade dos seus lares, o laser é visto como um investimento supérfluo, um luxo.

A versão oficial da Polícia do Estado de São Paulo dá conta que ao perseguirem dois bandidos que romperam fuga através da multidão, uma troca de tiros teria iniciado o tumulto. O caos criado pela ação da polícia resultou em 9 mortes, dezenas de feridos e mais uma cicatriz na identidade de cidadão, do indivíduo que vive nas favelas do Brasil. A polícia nega que tenha cometido excessos contra as pessoas. Mas, uma farta circulação de vídeos mostra cenas de violência gratuita, flagrante de ações realizadas sem o mínimo de planejamento e jovens encurralados, sendo tratados como animais direcionados ao abate.

Em sua primeira entrevista sobre o acontecido, o governador do estado de São Paulo, disse se solidarizar com as vítimas, porém não fez questão de esconder o sentido da ação, contradizendo de partida a versão da polícia calcada numa narrativa legitimadora, dissimuladora e eufemística, sem medo, ele foi além, disse: *“As ações da comunidade de Paraisópolis e em outras comunidades, seja por obediência à lei do silêncio, seja por busca e apreensão de drogas ou fruto de roubos, vão continuar. A existência de um fato não inibirá as ações de segurança. Não inibe a ação, mas exige apuração, para que, se possa ter havido erros e falhas, possa ser corrigido.”*

Pelo que se percebe, na fala do governador, a polícia entrou em Paraisópolis não para perseguir bandidos em fuga, mas para atuar contra o baile e preservar o direito do ao silêncio da sua base de eleitores.

O enunciado pelo governador, dito ainda antes mesmo que o próprio baile tivesse acabado – a despeito do grande caos e da tragédia, o baile resistiu até a metade da manhã do domingo-, não ocorreu sem qualquer valor ou significado, a fala cumpre seu papel de fortalecer o gênero do discurso da violência, usando a lei (ordem) como poder legitimador.

Dória não receia em se distanciar da narrativa policial, conhece e entende muito bem a conjuntura onde ocorreu o evento e até por isso, sabe bem que o seu próprio discurso

universaliza e unifica interesses da sociedade hegemônica, (aflita com as fragilidades da segurança pública).

Sem qualquer pudor usa elementos implícitos de discursos historicamente construídos em relação ao povo e reifica essas narrativas ao naturalizar o uso da violência contra o pobre/negro/favelado, antigos processos que a sociedade brasileira carrega desde os tempos da colonização.

O governador, um homem da comunicação, sabe bem que toda interferência no discurso é ideológica e que ele – o discurso- é uma ferramenta no embate político, por isso usa todo o poder das instituições para sustentar seu discurso – ideologia. *“O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.”* (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

A ESCRAVIDÃO

Durante os 350 do grande fluxo de tráfico negreiro entre África e América, foram transportados cerca de 12,5 milhões de pessoas de um continente ao outro. E entre, 1530, quando Martim Afonso de Sousa dá início à colonização do Brasil, até 1888 quando a Princesa Isabel assina finalmente a lei que libertava todos os cativos e dava assim, um tiro certo no coração do negócio do tráfico humano no atlântico, maior parte delas, cerca de pelo menos 5 milhões de almas seguiram em direção aos portos brasileiros, cerca de 40% do total.

A presença do negro era tão brutal e maciça que em números absolutos passava e muito dos de brancos europeus ou de indígenas nas cidades. Como ilustração, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o principal porto de chegada de africanos durante toda a história da humanidade, em 1672 tinha 20 mil negros, enquanto os europeus não passavam de 4 mil. (GOMES, 2019, p. 19.)

Esses números refletem-se na realidade que temos hoje. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o Brasil é a segunda nação negra do mundo, atrás somente da Nigéria. Autoproclamados pretos e pardos fazem 115 milhões de pessoas no Brasil, sendo ultrapassados somente pela Nigéria com seus 190 milhões de habitantes.

Largados à sua própria sorte em um ato jurídico único, o da abolição, sem qualquer política pública que promovesse inclusão socioeconômica, pouca coisa mudou de lá para cá entre os negros e pardos brasileiros. Pesquisas do IBGE apontam que o negro tem oito vezes mais chances de ser vítima de homicídio no Brasil do que um homem branco. São eles também a maior da população carcerária e são mais expostos à criminalidade.

Negros e pardos, que vivem e saem todos os dias, em sua absoluta maioria de bairros sem infraestrutura básica, como luz, saneamento, segurança, saúde, educação e opções de cultura e lazer, gente como a que vive, sobrevive na favela de Paraisópolis, em São Paulo.

O comércio de pessoas foi o negócio mais rentável do mundo durante o período colonial português e até por isso, teve o envolvimento direto da nobreza, da elite econômica e como não poderia deixar de ser quando falamos dos países ibéricos, da igreja que dava ao negócio o reforço ideológico para a sua sustentação e legitimidade; era preciso salvar as almas dos selvagens-africanos, facultando à eles não só a fé de Cristo, mas também o purgatório para a expiação dos pecados como não cansou de repetir em suas pregações o famoso padre Antônio Vieira.

As coisas não são diferentes nos dias de hoje. Com outro nome, mas com relações parecidas, grande parte da população mundial precisa sobreviver em situação análoga à escravidão, trocando muitas vezes trabalho por comida. Os números trazidos pelo historiador Laurentino Gomes são ultrajantes, “3,4 bilhões de seres humanos (quase a metade do total da população) sobrevivem com uma renda igual ou inferior a 3,20 dólares por dia, o equivalente a pouco mais de 12 reais, valor insuficiente para assegurar as necessidades mínimas de alimentação, moradia e outros cuidados básicos.” (GOMES, 2019 p. 22)

E ele vai além, citando a organização britânica, a Anti-Slavery International afirma que 40 milhões de pessoas vivem no sistema de escravidão hoje, delas, 800 mil foram comercializadas pelo tráfico de humanos e vivem em cativeiro.

Tática do manual de controle e dominação dos capturados, os comerciantes de escravos separavam pais, filhos, famílias, misturavam povos de diferentes regiões e até juntavam inimigos. Nesse misturar para enfraquecer, é estimado que mais de trezentos tipos linguísticos foram introduzidos no Brasil, um grande formigueiro de gente que sequer conseguia se entender, e a língua usada pelos escravocratas para se fazerem entendidos, era uma língua universal, clara, de fácil entendimento por qualquer um, o toque, a violência física, “*o primeiro procedimento que têm com os escravos e a primeira hospedagem que lhes fazem, logo que comprados aparecem na sua presença, é mandá-los açoitar rigorosamente, sem mais causa que a vontade própria de o fazer assim [...] e serem temidos e respeitados*” (Manuel Ribeiro Rocha, *Etiópe resgatado*, p. 136. IN GOMES, 2019 p. 260)

Era preciso quebrar a moral do escravo, subjugá-lo com a força, para que se tornasse uma mercadoria produtiva, como as mulas, os cavalos, os cachorros, buscava-se que se estabelecesse uma relação de dominação coercitiva baseada no temor e respeito, “*Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.*” (FOUCAULT, 2010, p. 133)

Açoitados em vida, o discurso da violência física não era calado nem mesmo pela morte. Muitas vezes escravos que morriam, recebiam chiabatadas de seus donos mesmo depois de mortos para que ficasse claro, que a partir daquele momento eles deveriam

seguir servindo, na dimensão do além vida, aos antepassados também já mortos do seu senhor.

É um erro julgar que o ato de violência física, lá e cá eram simplesmente uma ação descontextualizada de sentidos e ligações com o socialmente constituído, o poder. Bordieu já alertava ao falar sobre o neo-liberalismo ideias que empresto agora, ressaltou ele, a importância do papel do discurso do poder, como elemento significativo dentro dos vários recursos empregados por aqueles interessados em expandir e consolidar uma ordem hegemônica.

Nessa travessia da diáspora negra, não seria o peso da chibata, a única, nem a primeira forma de criar discursos de dominância e marginalização usando um aparato físico contra o sentido Háptico. Grilhões, bolas ferro, limitações de espaço, falta de água, supressão de higiene pessoal (vômitos, fezes e urina provocavam reações não só ao tato, mas também doenças e o desconforto no olfato) e estupro eram amplamente ligados à atividade escravagista. Ferramentas não só de dor para o controle individual, mas também formadora de uma conjuntura muito clara de dominação expressa em modos discursivos diferentes, um panorama teórico que pego da semiótica social (de Kress), levando aos limites a ideia de multimodalidade expressa em discursos, designs, produções e distribuição, todas de alguma maneira presentes em vários aspectos no sistema escravocrata implantado no Brasil

Fairclough entendia que os macroprocessos estariam determinados na natureza das práticas sociais e os textos seriam moldados pelos microprocessos. Seria possível então que um discurso com mais de 300 anos ainda seja funcional no mundo atual? Se as estruturas não mudaram é pertinente considerar que novas articulações tenham sido criadas para assegurar que a hegemonia (velha, mas ainda viva) continue a operar sua dominação, e caberia aos diferentes modos de operar a ideologia o caminho para essa sustentação – legitimação, dissimulação, deslocamento, eufemismos, fragmentações, naturalizações e demais-.

Como no navio negreiro, os moradores das favelas e bairros marginais precisam para ir trabalhar se deslocar em ônibus apertados, onde ficam sem qualquer conforto, por várias horas, muitas vezes de pé, vivem em áreas com baixa ou nenhuma rede de coleta de esgoto, ou ordenamento urbano, sem qualquer suporte ou aparato do estado para promover qualidade de vida ou cidadania. São essas coisas, como na travessia do atlântico que vão criando mitos, solidificando ideias, marginalizando vontades e desejos, tudo em nome da ideologia dominante de onde se estrutura.

Cabe a nós, ou a semiótica social desentranhar nossas vidas buscando a presença desses mitos, insidiosamente percebidos de maneira tão natural, para descortiná-los de seus propósitos e poder transformar não só eles próprios, os mitos, como a sua estrutura formadora.

Porém entre todas as violências sentidas na pele pelos povos cativos, uma em

especial salta aos olhos, as marcas feitas a ferro em brasa nos seus corpo, rompendo as dimensões físicas do discurso visual/escritura/pictórico, o escravo passa a ser receptor, meio e emissor da pior mensagem que poderia existir ao humano, sua desumanização, a transformação em coisa-mercadoria.

“Antes de partir, os africanos eram marcados com ferro em brasa. Em geral, recebiam sobre a pele quatro diferentes sinais. Os que vinham do interior, já chegavam com a identificação do comerciante responsável pelo seu envio ao litoral. Em seguida, o selo da Coroa portuguesa era gravado sobre o peito direito, indicação de que todos os impostos e taxas haviam sido devidamente recolhidos. Uma terceira marca, em forma de cruz, indicava que o cativo já estava batizado. A quarta e última, que poderia ser feita sobre o peito ou nos braços, identificava o nome do traficante que estava despachando a carga. Ao chegar ao Brasil, poderia ainda receber uma quinta marca, do seu novo dono — o fazendeiro, minerador ou senhor de engenho para o qual trabalharia até o fim da vida” — GOMES, 2019, P. 236

Kress dizia que seria impossível interpretar o texto focando somente na linguagem escrita e a análise da marca feita na pele do escravo pede esse olhar multimodal. Além dos óbvios significados impostos por quem realizava a marca, como descritos por Gomes, outras dimensões semióticas atuavam fortemente naquele discurso.

A escolha de transformar a pele humana em meio não é vazia de significados, é uma decisão de ordem de dominação. É a real concretização do esquema daquilo que Morris chamou de “resposta sequência”, onde um signo é o gatilho para um comportamento esperado pelo receptor. *“Ha também uma Concepção textual da localização da ideologia, que se encontra na linguística crítica: as ideologias estão nos textos. Embora seja verdade que as formas e conteúdo dos textos trazem o carimbo (são traços) dos processos e das estruturas ideológicas, não é possível ‘ler’ as ideologias nos textos. Isso é porque os sentidos são produzidos por meio de interpretações dos textos e os textos estão abertos a diversas interpretações que podem diferir em sua importância ideológica e porque os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos - são processos entre as pessoas não apenas aos textos que são momentos de tais eventos.”* (Fairclough, 2006 p. 119)

Ao embarcar nas naus e caravelas portuguesas, cada cativo carregava consigo um papel com seu novo nome cristão (também aí um discurso de dominância atuando sobre a identidade do indivíduo), ou seja, não seria impossível pensar a viabilidade de existir nesse documento as mesmas informações das marcas feitas na pele, até mesmo usando os “carimbos” no processo.

Mas, transformar a pele em meio, reforça a ideia (discurso) da desumanização do indivíduo. Assemelha ele ao animal, produto, que não tem outro valor que não seja ser mercadoria. Subjugado e atados à trama cultural, o negro com a marca de ferro impressa no corpo permanece cativo do estigma da desumanização que seu corpo traz e é, o próprio

signo, ao ser transformado em signo, torna-se ele também componente de outra dimensão semiótica, onde o leitor deixa de ser ele – que é signo – e passa ser o branco/escravocrata que compreende a mensagens codificada na marca, e também, o do outro negro, que lê não somente a dimensão contida na codificação, mas uma nova categoria, ao se reconhecer também fruto do processo da desumanização.

Finalmente, um último componente, objeto desse estudo, o tato. A marca, feita a ferro e fogo na pele se aproveita dar dor para comunicar ao dono da pele sua nova condição de não-humano/animal/produto. A dor, campo da neurociência e da psicanálise foge da significação coletiva do signo, é individual, pessoal, intransferível, o receptor é ao mesmo tempo interpretante e coautor.

A violência como experiência coletiva – o negro

“Não se deve medir esforços ao reprimir a insolência [dos negros]. Para isso, é preciso sacrificar a vida de todos os amotinados, de modo que sirvam de exemplo, mantendo os demais obedientes. A forma de punição que mais aterroriza os africanos é cortar um homem vivo ao meio com um machado e distribuir as partes do corpo aos outro” (Jean Barbot in GOMES, 2019 p. 241)

O baile funk é visto pela sociedade com valores estéticos e contornos semelhantes e análogo da capoeira, reinados, folguedos e toda sorte de expressão cultural de origem africana ocorrida no período da colonização. Nos grotões do Brasil, até muito pouco tempo ainda se ouvia que ao preto só bastaria se prover os três “P”, o “pau, pão e pano”, uma corruptela da ideia de que aos negros bastaria serem alimentados, na figura do pão, terem sua conduta reprimida através do castigo, representado pelo pau e ter sua selvageria escondida, controlada pelo pano, que aí poderia ser nada mais que os costumes europeus, de veludos, roupas e sapatos. *“um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2010, p. 133)*

O escravo/negro – juntos nesse caso, mas vindos absolutamente de conceitos diferentes- ocupa em análise ampla o lugar do “louco” dos estudos de Michael Foucault; sem autorização de fala, com sua palavra calada ou sequer ouvida. Porém, ao mesmo tempo, todo seu conhecimento sobre técnicas de cultivo, criação de animais, mineração e até contabilidade, bem como as tecnologias e conhecimentos sobre botânica eram amplamente valorizados. Apesar de seletiva, a exclusão/interdição é determinada pelo poder hegemônico

A separação ainda se dá, em moldes análogos nos dias de hoje, não é preciso um estudo profundo para perceber que ao negro as interdições e silêncios, convenientes segundo um poder dominante não-negro, permanecem claramente. A representação de

negros na mídia, no poder e nos cargos de chefia de maneira geral é ínfima. A fala continua interdita.

Cruzando fronteiras para o território da psicanálise, as reflexões de como o indivíduo de pele negra percebe seu próprio corpo pode nos apontar explicações para as permissões do uso da violência policial sobre ele. Campo de auto identificação do desejo, o corpo imaginário do negro está em desconformidade com aquilo que ele vê no espelho. O padrão (que é gloriosamente reforçado pelos mitos da ideologia dominante há séculos através das funções ideacionais da linguagem) é o corpo do branco, os cabelos lisos, narizes pontiagudos, peitos, bundas, curvas comedidas. Valores, tipos, formas inatingíveis, inconciliáveis sobretudo para os africanos e descendentes de povos vindos da região hoje conhecida por Angola – metade dos negros traficados para o Brasil partiram dessa área – conhecidos pela fartura nas curvas e cachos, e por seus narizes mais abatados. Seria o corpo fora do padrão, um corpo inadequado, sem valor ou transgressor?

Quando o policial escolhe bater contra a cara de um jovem negro, ele não faz isso partindo de um espaço vazio de sentidos, ele parte sua decisão do contexto e opta pelo rosto por ser esse o ponto do corpo onde indivíduo e identidade se encontram, o real e o imaginário, seria um texto claro de violência atuando sobre a identidade, uma espécie de função de linguagem, com potência, criando símbolos (marcas), diferenciando, até criando um eufemismo do subjugo da força, o tapa é a *parole*, a *langue* a violência.

Seria interessante aos psicanalistas tentar entender como um policial negro, que decide bater seu cacete – falo/símbolo erótico da dor- na cara do jovem negro percebe esse rosto; na busca do olhar de narciso que vê o outro refletido no espelho, seria não somente o espelho reflexo dele mesmo, como estaria ainda olhando o rosto projetado do outro. Será que não se vê, não se percebe? E se ao se perceber não gosta daquilo que vê?

O dono do discurso

A interdição é um bom parâmetro para nos sinalizar o caminho para descobrirmos os donos do discurso. Afinal, se aceitarmos que nem todas as áreas dele são abertas e penetráveis, buscar entender quem pode “falar”, nos permite entender também aquilo que se é dito.

Uma das áreas menos penetráveis do discurso é de fato a violência, Weber, ao explicar a formação dos estados-nação, dissera que cabe ao estado o monopólio da violência, seria essa a única razão para explicar a própria existência dele, a segurança para a vida privada do indivíduo.

As mãos – órgão mimetizador do tato no corpo humano - do estado, na esfera da violência são as forças de opressão, os militares, a polícia; e caberá a ela, a confecção do ritual da violência. A polícia atua essencialmente sobre o campo háptico, o corpo físico é objeto e alvo do seu poder, a dor, a interdição do movimento, ou a sua promessa são as

bases para a sua dominação estritamente coercitiva.

Fairclough trouxe do estudos de Gramsci (1999) sua ideia para aquilo que chama de hegemonia: *“é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável”* (Fairclough, 2001, p.122).

O baile da 17 rompeu de diferentes formas com a ordem – branco- capitalista-racista-hegemônica – constituída, ele ultrapassa a barreira da física, do som, com ondas que saem da favela e atinge os ouvidos dos moradores do bairro vizinho, da elite, que tem seu descanso e o direito ao silêncio garantido por lei, ele rompe a ideia de propriedade, ao ocupar as ruas, as vielas, a cidade! Ele rompe os padrões estéticos, ele é caótico, colorido, sem padrão, sem ordem, sem decoração, sem razão para isso ou aquilo. Ele rompe a lógica do capitalismo, sem um organizador-investidor-beneficiário, ele é espontâneo, livre, descentralizado, sem a possibilidade de gerar lucros para um só, sem a possibilidade de ser taxado pelo poder público, sem poder ser embargado legalmente.

O branco com emprego, morador de um bairro legalizado é o padrão base da sociedade, qualquer coisa fora disso é o “outro” mítico, que está fora do sistema, que deve ser “catequizado”, modelado, apaziguado, ordenado, formatado para poder integrar o sistema!

E se não bastasse tudo isso, no alto de uma quitanda, um garoto roda um parasol, mesmo que ainda seja noite! Como nas festas em África, os para-sois – normalmente usados pela família real- eram girados e balançados para celebrar, para comunicar!

Aborto, no ritmo frenético da música, um garoto negro gira a alegoria de proteção de um rei/povo, que celebra não só o ato de se insurgir ao mito-ideologia do fetiche branco colonizador e ao determinismo da morte em vida, do não ser indivíduo e toma para si a ação de viver/existir, certamente estavam aí todas as peças do caleidoscópio de motivações que propiciaram condições para intervenção policial em Paraisópolis.

La Langue du violence

Mesmo que se priorize o campo da percepção-cognição presente no processo de decodificação disso que eu chamei de alfabeto do toque, ou do repertório de gestos de violência em um olhar muito focado no indivíduo, será através do espaço do discurso o campo de análise onde poderá se perceber como ele se interliga, comunica, interage com os outros diferentes elementos da vida social, - as relações de poderes, as crença, valores, desejos, intuições e rituais-, “como o momento discursivo trabalha na prática social, do ponto de vista dos seus efeitos em lutas hegemônicas e relação de dominação.”. (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999. p.67)

É preciso lançar mão de ferramentas da intertextualidade para descortinar processos

de naturalização discursos históricos, usar os elementos semióticos da multimodalidade para compor um panorama de entendimento mais amplo, a língua extravisual de Kress, ou talvez, fosse mesmo pertinente propor uma gramática gestual da violência, uma metodologia para análise das ações de violência física baseadas nos princípios e categorias da Gramática Sistêmico- funcional (GSF) de Halliday (1985).

Gramática vai além de regras formais de correção. Ela é um meio de representar padrões da experiência. Ela possibilita aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade, a fim de dar sentido às experiências que acontecem ao seu redor e dentro deles (HALLIDAY, 1985, p. 101, apud KREES; VAN LEEUWEN, 2006, p. 2)1

Fairclough acreditava no poder da semiótica em entender e fomentar a transformação social dizia que não haveria nada que tivesse sido criada socialmente que não pudesse ser modificada no mesmo âmbito. Originadas nas próprias representações sociais, as distorções servem somente para a manutenção de relações desiguais calcadas na ideologia dominante e está nas mãos da própria sociedade o poder e diria até o dever de transformá-las. Como proposto por Bordieu é preciso dar um basta na ideia do “aceitar e adaptar-se” do determinismo neo-liberal e desconstruir os mitos desse projeto.

A violência física que testemunhamos em Paraisópolis e em diversas outras ações protagonizadas pela polícia do estado de São Paulo em comunidades sociais tem deixado marcado na pele do pobre-negro a confirmação das amarras simbólicas do racismo presente até hoje na sociedade. O gesto (tapa, murro, soco, chute) é a expressão ritualística desse discurso-mito no campo relacional entre as forças simbólicas do opressor (hegemônico) e oprimido (pobre/negro/mercadoria/coisa).

A despeito do estado jurídico, que impede o racismo, ele está permanece entre nós e no imaginário do indivíduo negro. O ato físico, claramente ligado à questão da cor/raça, protagonizado não por um outro indivíduo, mas pela força do Estado, ente que representa toda uma sociedade, é o gatilho que lhe falta para confirmação das suas dúvidas sobre o lugar (o não lugar) dele - indivíduo, afinal a porrada é contra a sua própria cara, mas também do negro, como coletivo, no mundo.

Como um texto de Guimaraes Rosa, a narrativa de violência escrita pela polícia na pele no negro-não-cidadão não é facilitada de forma simples, linear, evidente, ela é do campo da poesia, é melancólica, grotesca, animalesca, o “tom” das suas palavras-gestos é determinado pelo seu fim. A compreensão é banalizada através das ferramentas da linguagem (atenuadora, reificadora) visto como um ato de repreensão simples pelo conjunto das pessoas, do senso comum, o maior amigo da ideologia dominante.

Caberá a semiótica social a tarefa de decifrar essa literatura para dar clareza e sentido dessa comunicação e rosto (nome) ao seu verdadeiro autor, o poder hegemônico fundador do mito-ideologia, o dono discurso.

A violência é só mais um elemento de coesão para o grande discurso de opressão e desumanização do negro que é repetido há 300 anos no Brasil, um elemento desse

discurso hipermodal de Lemke. Fairclough nos apresenta ferramentas interessantes para acharmos os verdadeiros autores desse texto. Citando Goffman ele sugere que a ação da escrita/fala seria do personagem animador, a reunião das palavras/enunciado estaria nas mãos do autor, que estaria simplesmente, como um procurador legal, representando os anseios do principal. Sob essa lógica poderíamos supor que os policiais em Paraisópolis deram forma ao texto escrito pelas mãos do governador sob ordens dos donos do poder hegemônico, a classe dominante, racista, exploradora e antes (ou ainda) escravocrata.

Não precisamos correr muito no relógio da história para encontrar em bancos de tribunais do pós-guerra, militares e civis alemães usando exatamente esse tipo de argumento para esvaziar suas ações criminosas contra judeus.

A violência é coerente com a falta de saneamento básico, com a ausência de aparato de saúde, educação, esporte e lazer, com a falta de humanidade e cidadania. *“as práticas podem ser entendidas como: [...] modos habitualizados, ligados a tempos e espaços particulares, em que as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir conjuntamente no mundo. Práticas são constituídas ao longo de toda a vida social – em domínios especializados da economia e da política, por exemplo, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana”* (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21).

O caminho para se romper as correntes das amarras, fechar os olhos para as sombras projetadas (pela mídia e sua glorificação do bem material) e tatear pela caverna de Platão até sentir o calor da luz do sol livre das influências das ideologias opressoras do capitalismo passa por buscarmos conhecer de onde viemos, quais são nossas ancestralidades e respeitá-las.

E a ciência e a educação tem papel primordial nesse caminhar.

REFERÊNCIAS

COUBLEY, P. Semiótica para principiantes, Buenos Aires, 2004.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social. Brasília: UnB, 2001.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão (tradução de Raquel Ramallete). 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOMES, L. Escravidão – Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, RJ. Globo Livros.

IBGE - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/0>
PESSOA, Fernando - <http://arquivopessoa.net/textos/1488>

Citação fala dória

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/12/02/doria-lamenta-mortes-em-paraisopolis-mas-diz-que-programa-de-seguranca-nao-vai-mudar.ghtml> ou as ferramentas oferecidas na página.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 2, 3, 5, 33, 76, 139, 142, 145, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 197, 211, 213, 214

Autobiografia 3, 4, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43

C

Corpo 3, 5, 30, 38, 42, 48, 71, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 91, 92, 112, 120, 163, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 186, 187, 192, 195, 201, 202, 205, 226, 230, 232, 233, 234, 253, 254, 257

Cuidado humanizado 3, 6, 246, 249, 251, 256

D

Dança 3, 5, 42, 130, 141, 162, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 205, 206, 223

E

Ensino 3, 5, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 115, 138, 151, 152, 153, 154, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 171, 172, 176, 177, 178, 257, 258

Escrita 3, 4, 4, 6, 10, 11, 37, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 54, 56, 86, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 115, 118, 130, 145, 151, 153, 154, 226, 227, 232, 236, 237

F

Fazer poético 3, 5, 139, 140, 141, 145

Feminino 3, 38, 56, 57, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77

I

Imaginário 3, 4, 5, 22, 23, 41, 52, 54, 56, 57, 108, 109, 116, 131, 155, 189, 193, 234, 236, 251, 256, 257

Islã 3, 4, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 227

L

Leitura 3, 4, 6, 3, 10, 28, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 49, 50, 53, 66, 84, 87, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 121, 139, 144, 148, 210, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 255, 256, 257, 258

Letramento literário 3, 4, 97, 98, 99, 104, 105, 106, 107

Letras 2, 3, 20, 30, 31, 45, 56, 78, 96, 97, 100, 105, 121, 139, 141, 143, 144, 194, 211, 212, 256, 258

Linguística 2, 3, 4, 2, 3, 45, 82, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 137, 138, 150, 182, 183, 184, 185, 193, 194, 195, 232, 258

Literatura 3, 4, 5, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12, 17, 18, 19, 20, 32, 33, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 69, 70, 71, 76, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 129, 130, 131, 132, 136, 145, 149, 150, 155, 183, 190, 210, 236, 256, 258

Literatura infantojuvenil 3, 5, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

M

Marginalidade 3, 4, 86, 88, 89

Metalinguagem 3, 251

Morte 3, 4, 26, 38, 40, 42, 46, 51, 52, 53, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 130, 217, 223, 230, 235, 237, 250, 254

Música 3, 5, 49, 50, 127, 128, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 189, 192, 193, 196, 197, 204, 205, 208, 235, 250

P

Pensamento humano 2, 3, 58, 255

Pessoa com deficiência 3, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

R

Racismo 3, 6, 226, 236

Representação 3, 4, 20, 22, 29, 31, 34, 38, 39, 42, 52, 64, 80, 111, 113, 115, 119, 153, 154, 157, 160, 191, 199, 205, 210, 218, 229, 233, 254

Romances gráficos 3, 4, 1, 4, 7, 12

S

Samba 3, 6, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Saúde 3, 6, 116, 156, 230, 237, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 254, 255, 256, 257

Surda 5, 121, 122, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Surdez 3, 122, 133, 134, 135, 137, 138

T

Tradução 3, 3, 4, 5, 15, 18, 19, 22, 23, 30, 31, 33, 37, 43, 70, 77, 79, 81, 84, 85, 134, 138, 145, 149, 150, 194, 195, 211, 237, 256, 257

V

Violência 3, 6, 5, 20, 23, 25, 28, 30, 92, 226, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 252

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

